

DEVOÇÃO, MEMÓRIA E AÇÃO POLÍTICA: TECNOLOGIA E PRODUÇÃO DE RECONHECIMENTO EM CONTEXTOS POPULARES

Autores:

André Luiz da Silva (Universidade de Taubaté) [\[1\]](#)
Régis de Toledo Souza (Universidade de Taubaté) [\[2\]](#)

1. Introdução

Na vida contemporânea identificamos a emergência de uma diversidade de formas e momentos de registros autoproduzidos sobre a experiência cotidiana. Por exemplo, o uso de gravadores na captação de áudios e o uso de câmeras e filmadoras digitais na captação audiovisual de práticas culturais, e a consequente propagação destes registros na Internet, nos meios de comunicação massivos ou mesmo em redes de sociabilidades de alcance mais restrito como a parentela e a vizinhança.

Nos trabalhos de campo que realizamos nas festas populares da região do vale do Paraíba paulista nos últimos quinze anos (Festa do Divino de São Luiz do Paralinga, Festa do Folclore de Taubaté, Festa de São Benedito de Aparecida entre outras), identificamos transformações nas formas e intenções dos registros produzidos nestas manifestações. Foram observados registros de pesquisadores, fotógrafos, repórteres e alguns populares. Isto nos levou a pensar sobre um conjunto de intenções, formas de produção e de fruição desses registros das práticas religiosas e culturais regionais. Tais formas de registro apontavam para a constituição de processos de reflexividade ligados a diferentes formas de diálogos entre os sujeitos que registravam e os sujeitos que produziam aquelas manifestações.

A ideia acima permite refletir sobre mudanças acerca do papel dos sujeitos que produzem aquelas manifestações religiosas e culturais e as correspondentes transformações nas estratégias de reconhecimento que tais grupos realizam. Uma mudança refere-se à forma de transmissão oral de tais manifestações, centrada nos discursos e práticas dos mestres dos grupos de devoção religiosa (folgueiros). Neste caso, os mestres centralizavam a fruição e o diálogo (mediação) com os sujeitos que registravam formalmente estas informações. Outra transformação configura-se na presença de novos especialistas que também passam a ocupar o lugar de diálogo, de mediação entre questões internas (endógenas) e externas (exógenas) do grupo. Trata-se de atores sociais que constituem seus papéis via associação com sujeitos que possuem um capital simbólico reconhecido no campo da devoção popular. Podemos dizer que cumprem um papel de intermediários entre o saber tradicional (ou mais propriamente interno ao grupo) e o formal. Especialistas como fotógrafos profissionais, pesquisadores e representantes do poder público e do mercado que se caracterizam pela apropriação histórica e simultânea de duas lógicas distintas e supostamente antagônicas. Aqui nos fixaremos na análise de três sujeitos presentes na Festa do Divino de São Luiz do Paralinga que, a nosso ver, possibilitam problematizar o papel dos atores que definimos como especialistas na propagação contemporânea de práticas devocionais. Acreditamos que estes três personagens são significativos para pensar sobre as novas formas de fluxo de sentido – pois vivem na fronteira dos papéis acima identificados – e as transformações que as mediações tecnológicas provocam no trânsito dos sentidos devocionais populares.

2. Ponto de encontro: A festa do Divino

A festa do Divino Espírito Santo de São Luiz do Paralinga, estado de São Paulo, ocorre desde o século XIX, sendo considerada uma das mais tradicionais e importantes do ciclo festivo do Divino Espírito Santo do Estado de São Paulo. Um grande evento que encerra o ciclo de festividades religiosas do município (LOPES, 2006, p. 202). Por ocasião da abertura do Império do Divino e durante as duas semanas de festividades, reúnem-se na cidade vários grupos de devoção religiosa da região e também da região metropolitana de São Paulo. Trata-se de folgueiros como Congadas, Moçambiques e Folias do Divino, além de apresentações da Cavallhada de Catuçaba, distrito de São Luiz, de grupos de música e danças populares tradicionais, bem como, a distribuição gratuita da comida típica da região (o “afogado” de carne de boi que atira milhares de pessoas). Os três sujeitos aqui considerados, ocupam práticas/papéis diferentes. O Sr. B. já participa dela há dez anos, e o Sr. C. e a Sra. A, há mais de 30 anos (portanto, desde que eram crianças).

Nos últimos anos, essa festa tem se tornado uma referência para o chamado turismo cultural, o que aumentou a frequência de pesquisadores, fotógrafos e turistas, vindos sobretudo de todo o vale do Paraíba, da capital do estado e da região da cidade de Campinas, SP, mas também do exterior. Esta dinâmica acabou por inserir a festa num outro contexto. Hoje, o referente religioso passa a disputar o sentido da festa com outros referentes seculares: a dimensão identitária, econômica, cultural e política. Sobre o domínio político cabe ressaltar o debate ocorrido entre os moradores da cidade em torno da tensão gerada entre a posição do sacerdote católico e os festeiros na distribuição do afogado, assim como na condução dos cultos religiosos (como por exemplo a questão do transporte do estandarte de determinados santos na procissão). Esse movimento que de alguma maneira “explode” os sentidos da festa sugere a constituição de novos mediadores no espaço de organização, condução e reprodução da festa e no trânsito de seus sentidos. As transformações observadas na festa do Divino de São Luiz é um caso concreto do processo mais amplo, que se pode associar à chamada modernização da sociedade brasileira. (cf. ORTIZ, 1991; 1994). Como afirma Lopes (2006, p. 202), “a cultura é [...] no vale do Paraíba paulista] uma extensão dos costumes religiosos regionais, reconhecida cotidianamente nos afazeres da vida comum, e suas manifestações são caracterizadas por tal reconhecimento, implicando formas e conteúdos identificados com a localidade. Cidades como São Luiz do Paralinga, vivendo ciclos determinados pela produção agrícola, desenvolveram um calendário rico de festas religiosas que culminavam na realização de um grande evento anual, como a festa do divino, na própria São Luiz”.

É nesse deslocamento histórico que se inserem os três personagens deste estudo. Eles se aproximam à medida que atuam como “tradutores” de universos aparentemente distintos. Mas cada um deles indica diferentes formas de participação na interpretação e propagação dos sentidos da festa e das relações sociais nela contidas.

4. Digressões conclusivas

Vimos que os sujeitos responsáveis pelos registros das práticas devocionais eram os mestres dos folgueiros de devoção religiosa (Moçambiques, Congadas, Folias de Reis e do Divino), festeiros. Paralelamente, tinhamos um conjunto de sujeitos “profissionais” (jornalistas, professores, pesquisadores e folcloristas), geralmente, não participantes do cotidiano dos agentes populares (“outsiders”). Ao longo do tempo, verificamos que alguns desses agentes populares ou representantes seus apropriaram-se das técnicas e tecnologias antes exclusivas dos profissionais para sistematizar o registro de suas narrativas. Constatamos que ao realizarem este movimento, estes sujeitos passaram a ocupar um espaço que historicamente foi reservado aos mestres ou profissionais. É neste contexto de polifonias e de lutas de reconhecimento da cultura popular religiosa que analisamos os processos de constituição das imagens de si e do reconhecimento de determinados sujeitos nas relações endógenas e exógenas dos grupos. As análises resultados têm apontado para a coexistência de vários discursos que disputam os sentidos destas práticas religiosas, criando uma circularidade dos significados (cf. STEIL, 1996) que colocam um desafio para os próprios pesquisadores, pois seus discursos e práticas tornam agora muito mais complexa as interpretações das devoções populares e de seus sujeitos.

Nas novas narrativas dos especialistas “nativos” existe o uso de categorias assimiladas da lógica de domínios exógenos mais amplos que se fazem presentes em seus cotidianos. Uma instância exógena como a academia, por exemplo, legítima políticas e ações locais dos sujeitos em seus contextos locais, contribuindo para o processo do reconhecimento interno e externo.

O auto-registro das práticas religiosas e sua divulgação endógena e exógena estão sendo utilizados como forma de elaboração da imagem dos sujeitos e de seus grupos, como pudemos constatar na Festa do Divino de 2007, quando uma aluna exibiu na principal Praça de São Luiz do Paralinga um documentário (resultado de seu trabalho final de graduação em comunicação) sobre a Festa do ano anterior, fato que ganhou destaque em reportagem do principal telejornal do país. Esta questão pode sugerir outros problemas: será que também podemos entender estas práticas devocionais, considerando-as como, entre outras coisas, um recurso de sobrevivência não apenas no plano simbólico, mas também material (financiamento público, edição de livro, venda de fotos para o mercado, produção audiovisual, etc.)?

Referências bibliográficas

BOURDIEU, P.; BOURDIEU, M.-C. O camponês e a fotografia. Revista de Sociologia e Política, jun. 2006, no.26, p.31-39. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rscopl/n26/a04n26.pdf>. Acessado em: 02 out. 2007.

FABIAN, J. A prática etnográfica como compartilhamento do tempo e como objetivação. Entrevista. Maná, v. 12, n. 2, p. 503-520, 2006.

GIDDENS, A. A vida numa sociedade pós-tradicional. In: GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo, Unesp, 1997, p. 73-133.

LOPES, J. R. Industrialização e mudanças culturais no Vale do Paraíba, SP. In: CHAMON, E. M.Q. de O.; SOUSA, C. M. de. (org.). Estudos Interdisciplinares em Ciências Sociais. Taubaté, Cabral, 2006, p. 193-218.

LOPES, J. R. Os usos da tecnologia e a fabricação das crenças na contemporaneidade. Projeto de pesquisa. PPG Ciências Sociais – Unisinos, São Leopoldo, RS, 2007. (digitado).

MARTINS, J. de S. A imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil. Estudos Avançados, maio/ago. 2002, v. 16, n. 45, p.223-260. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v16n45/v16n45a15.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2007.

ORTIZ, R. Cultura brasileira e identidade nacional. 5 ed. São Paulo, Brasiliense, 2003.

SILVA, V. G.; REIS, L. V. de S.; SILVA, J. C. da. (orgs.). Antropologia e seus espelhos: a etnografia vistas pelos observados. São Paulo, FFCLH-USP, 1994.

Sobre os Autores:

[1] Professor Assistente de Sociologia e pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas de Práxis Contemporânea (NIPPC) da Universidade de Taubaté (UNITAU). Doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP. E-mail: interiworld@gmail.com.

[2] Professor Assistente Doutor de Psicologia Social e pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas de Práxis Contemporânea (NIPPC) da Universidade de Taubaté (UNITAU). Mestre e Doutor em Psicologia Social pela PUC-SP. E-mail: toledoprof@uol.com.br.

3. Tradição, devoção e ação política

Para entender melhor este processo acrescentamos a observação de outros dois personagens da Festa do Divino de São Luiz do Paralinga. Acreditamos que, assim como a Sra. A., apresentam-se como possíveis tradutores culturais, empregando cada um estratégias distintas para ocupar a brecha aberta pela lógica de produção e trânsito de sentidos culturais contemporâneos.

O primeiro deles, o Sr. B., representa um grupo de Congada da região metropolitana de São Paulo, que todo ano participa da Festa de São Luiz do Paralinga. Esse grupo traz como uma das suas principais referências um senhor com aproximadamente 90 anos de idade que dedicou a sua vida à formação de folgueiros devocionais na região do Vale do Paraíba. Esse mestre que é descendente de escravos nasceu em São Luiz do Paralinga e migrou para a grande São Paulo. Na festa do Divino centraliza as atenções voltadas para o grupo. Durante o cortejo dos folgueiros folclóricos, no segundo final de semana da festa, esse mestre é procurado por pesquisadores, fotógrafos e populares para conversas, agradecimentos, poses para fotos, coleta de entrevistas, constituindo-se num verdadeiro “modelo típico” de mestre popular que detém a narrativa da gênese da manutenção destas práticas devocionais. Sua imagem legítima uma pretensa autenticidade cultural da religiosidade popular.

Após as apresentações rituais da festa (apresentação para o público, acompanhamento da procissão até a porta da Igreja), os componentes da Congada ocupam mesas em frente a um bar da cidade (local que varia de ano para ano) e realizam uma roda de samba. Nesta roda o mestre a que nos referimos é circundado por familiares e por uma parte do público presente na Festa do Divino, num segundo círculo. Compõem a cena fotógrafos, pesquisadores e turistas que explicitam o estranhamento diante do “exótico” representado por aquele tipo de performance “profana” numa festa sagrada.

Na última edição da festa, quando realizávamos fotografias da roda de samba, fomos abordados pelo Sr. B. que se apresentou como portavoz “político” da Congada da cidade da grande São Paulo. Disse-nos que é genro do mestre da Congada e que atua junto aos poderes públicos na apresentação deste folgueiro, assim como na organização de um evento anual realizado em novembro no bairro em que reside grande parte dos componentes deste grupo. Na ocasião questionamos o Sr. B. acerca do seu papel e se o grupo registrava o registro de suas apresentações. Diante da negativa, consultou-nos sobre a possibilidade de registrarmos, lá em sua cidade, a próxima edição do evento que consiste numa homenagem e celebração em memória de Zumbi do Palmares. Mais uma vez, perguntamos se não havia ninguém que registrava aquela festa. Ele nos afirmou que sim, mas que os registros (sobretudo fotográficos) não eram posteriormente encaminhados ao grupo. Por outro lado, afirmou que não realizam este tipo de registro, mas que hoje percebem a importância do acervo de imagens do grupo, pois, em primeiro lugar, é um elemento importante para justificar as estratégias de captação de recursos junto aos órgãos públicos e à sociedade civil e, em segundo lugar, como preservação da memória da Congada.

Entendemos que o Sr. B. tem um papel que se aproxima do desempenhado pela Sra. A. do Moçambique de Taubaté, sobretudo no que se refere à relação endógeno-exógeno. Ele também é, neste sentido, um tradutor cultural. Entretanto, diferentemente da Sra. A. que nasceu dentro do Moçambique, o Sr. B. chega ao grupo via afinidade matrimonial, num momento em que a Congada já está consolidada enquanto prática devocional e como uma das catalisadoras dos “imperativos éticos camponeses” reelaborados no contexto urbano. É provável que o Sr. B não esteja condicionado pela lógica endógena como seus parentes afins, o que em tese pode dificultar a sua aproximação e o duplo reconhecimento junto às práticas devocionais experienciadas pelo grupo. Talvez isso explique o fato do Sr. B. reconhecer a necessidade dos registros acerca da história do grupo e a consequente importância disso para o trânsito da tradição por um meio diferente da narrativa da memória coletiva que o velho mestre realiza.

Vemos se constituir aqui um mediador político que legítima suas ações endógenas apropriando-se de práticas de empreendedores culturais contemporâneos. O hiato, neste caso, se dá no fato dele não apreender como a Sra. A. o uso de tecnologias de registro que facilitariam as formas de captação de recursos e de representação endógena e exógena. Contudo, ele soube apreender técnicas políticas de negociação junto aos poderes locais que, assim, o coloca como um elemento importante para o grupo, ainda que não partilhe da experiência histórico-devocional. Temos, então, a caracterização de uma nova possibilidade de captação, intenção e trânsito da memória social religiosa.

O terceiro caso ajuda-nos a esclarecer as tensões presentes nas lutas por reconhecimento dos sujeitos anteriores. O Sr. C. é funcionário público da cidade de São Luiz do Paralinga, local em que nasceu e foi criado. Oundo de família tradicional do município, compartilhou e compartilha da produção de várias atividades culturais e políticas desenvolvidas na cidade. Quando foi vereador encaminhou vários projetos ligados à área cultural, à preservação do patrimônio histórico e à promoção da cultura popular. Graduiu-se em história e produziu uma dissertação de mestrado sobre as práticas devocionais da cidade e seus arredores. Há mais de vinte anos tem se dedicado a registrar fotograficamente os vários eventos culturais de São Luiz, com destaque para o carnaval, as festas religiosas na zona rural e a festa do Divino. Fotógrafo amador autodidata tornou-se muito requisitado nos últimos anos por órgãos de imprensa e pesquisadores. O Sr. C., assim como os outros, ocupa um espaço de tradutor cultural. Suas relações com a dimensão devocional, cultural e, atualmente, ambiental do município aproximam-no dos outros sujeitos no que se refere ao registro, intenção e fruição da cultura local. Contudo, o Sr. C. diferencia-se fundamentalmente em dois domínios. O primeiro refere-se ao fato de que ele nasce no centro urbano de São Luiz, possui um status social que o diferencia dos outros dois no que diz respeito à constituição histórica dos grupos de devoção religiosa. Isto o distancia da Sra. A. e, por outro lado, do Sr. B., quanto à questão da superação dos imperativos éticos do grupo de origem. A apropriação das técnicas acadêmicas, articuladas às referências históricas do Sr. C. levaram-no à elaboração desses processos no interior da academia e de sua ação política. Porém, essas circunstâncias que permitem a ele produzir narrativas acadêmicas sobre a experiência religiosa, sociocultural e política de sua cidade, levam-no à constituição de uma tensão na definição dos caminhos a serem seguidos. Aparentemente, o Sr. C. está no momento de redefinição de suas estratégias de ação política junto aos vários setores da sua vida cotidiana. Ele continua sendo referência na cidade sobre as questões da cultura e da história local, além de atuar politicamente na defesa de pequenos produtores rurais contra grandes empresas agrícolas. Mas, atualmente, vive o dilema entre a militância junto às causas populares e o retorno à academia. Ele se depara com o clássico drama do nativo que se apropria da narrativa acadêmica como forma de elaboração da imagem de si próprio e de seu grupo e do duplo reconhecimento presente no jogo das relações sociais, cujo elemento religioso é fundamental no caso do município.